

# PROCESSOS IDENTITÁRIOS E A PRODUÇÃO DA PRESENÇA CHINESA EM ARACAJU

Resultado de investigação finalizada

GT 28: Interculturalidade: povos originários, afro e asiáticos na América Latina e no Caribe

**Allisson Gomes dos Santos Goes** – Mestre em Sociologia – PPGS/UFS

**Marcelo Alario Ennes** – Professor do Núcleo de Educação/UFS/Campus de Itabaiana e do Programa de Pós- graduação em Sociologia – PPGS/UFS e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Processos Identitários e Poder (GEPPIP)

## Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender o processo de construção, e reconstrução da identidade imigrante chinesa a partir da presença destes imigrantes como expressão de processos identitários em Aracaju/SE. A categoria identidade é entendida como processos que envolvem relações de poder geradoras de localização, classificação e hierarquização social. Os chineses integram o novo cenário das migrações internacionais e, a cada ano chegam aportam mais chineses no país. Os dados de pesquisa foram obtidos a partir da observação direta, entrevista semi-padronizadas, além da pesquisa documental em jornais impressos e eletrônicos. Concluímos que a não há somente um sentido de ser chinês na cidade de Aracaju, mas vários sentidos que emergem a partir das disputas que ocorrem no campo econômico.

**Palavras-chave:** Chineses; Imigração; Aracaju.

## 1. Introdução

O fenômeno da migração chinesa é global e por isto pode ser observado em países como Estados Unidos, Portugal, Espanha e na América Latina como um todo. O Brasil tem se inserido na cena das migrações internacionais nas últimas décadas, mas, com algumas diferenças do período das imigrações da segunda metade do século XIX e primeira metade no século XX. Um exemplo é a migração intrarregional, ou seja, migrantes de diversas nacionalidades da América do Sul tem procurado no Brasil um lugar para reconstruir suas vidas e fugir da escassez material. Os chineses também constituem este novo cenário e, muito frequentemente as estatísticas oficiais mostram um acréscimo significativo de imigrantes dessa nacionalidade. Devido a mudanças econômicas internas, outras regiões, que não eram tradicionais têm acolhido esses grupos, assim, a região nordeste brasileira tem se tornado lugar de imigração e re-imigração de imigrantes chineses. Por ser um fenômeno relativamente novo, o fenômeno da migração chinesa para Aracaju, ainda não existe nenhum estudo sobre a projeção deste na cidade, sendo assim, os chineses tornam-se novos atores no cenário social da cidade.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender o processo de construção e reconstrução da identidade imigrante chinesa a partir da presença destes imigrantes como expressão de processos identitários em Aracaju. Utilizamos identidade como categoria principal, porém, para fugir dos modismos em que se ela encontra dos debates acadêmicos e midiáticos, utilizamos nesta pesquisa a noção de processos identitários como relações de poder geradoras de localização, classificação e hierarquização social, encontrada em alguma medida em autores como Manuel Castells, Denny Couche, Stuart Hall, Ernesto Laclau, Marcelo Ennes, entre outros. É uma tentativa de substituir a ideia

fixa e imutável de identidade por outra dinâmica, relacional e processual, construída a partir da oposição nós-eles nos contextos sociais.

Os dados de pesquisa foram obtidos por meio da observação direta, entrevista semi-padronizadas, além da pesquisa documental em jornais impressos e eletrônicos. Em substituição a amostra, construímos vários *corpus* de pesquisa, já que, o estudo não pretendia cercar toda a realidade da imigração chinesa para Aracaju.

No primeiro tópico deste artigo discutimos acerca da questão da identidade, seus usos constantes e uma alternativa para fuga dos modismos que a cercam. O segundo ponto discute brevemente sobre a questão das migrações internacionais e a presença dos chineses no Brasil. O país volta ao cenário das imigrações internacionais a partir da entrada constante de chineses, além de bolivianos, peruanos, haitianos e pessoas de várias nacionalidades africanas, estes dois últimos grupos, pretendendo asilo humanitário. Colocamos que embora as regiões sul e sudeste sejam destinos preferidos destes grupos, outras regiões têm se destacado neste processo, como é o caso da região nordeste. Por fim, no último tópico, discutimos sobre os chineses em Aracaju, além dos processos identitários e a produção de uma presença que não é somente física, mas produzida a partir das relações sociais.

Os dados obtidos apontam para a existência de vários discursos que constrói uma presença chinesa, fruto dos processos identitários, tendo como ponto principal a inserção dos chineses no comércio de produtos importados, restaurantes e papelarias. Estes discursos são construídos a partir dos processos de autonegação e de heteronegação. Por um lado, fazer-se chinês é falar mandarim, encontrar com os outros chineses em momentos de lazer e manter as tradições. Por outro, é ser dissimulado, não integrado, mas também moderno e trabalhador. Na confluência desses dois opostos está um discurso que expressa o descentramento e o deslocamento do ser chinês, estar aqui e lá ao mesmo tempo, onde, o contexto social se torna importante na ativação ou não de uma identidade chinesa reconstruída. Por fim, acrescentamos que alguns chineses tem se tornado fornecedores/atacadistas de mercadorias importadas, o que demonstra uma mudança no campo econômico, mais especificamente no subcampo do comércio de mercadorias importadas. Esta mudança pode refletir na construção de uma presença chinesa sob a qual os chineses podem resistir as heteronegações impostas pelos brasileiros.

## 2. Discutindo os processos identitários

Falar em identidade tem sido muito comum nos diversos meios de comunicações. Seja a imprensa privada ou os canais oficiais de comunicação dos governos, ambos, trazem uma ideia de identidade forjada a partir de elementos simbólicos ou materiais que caracterizam um determinado povo. Portanto, as danças, a culinárias, o folclore, os sotaques, etc., são utilizados para dar corpo a uma identidade de um determinado grupo social<sup>1</sup>. Os governos também se apoiam na noção de identidade para promover uma série de políticas públicas, como por exemplo, a de incentivos culturais e artísticos com o objetivo de tornar-se conhecida a identidade deste grupo. Ora, estas tentativas caem na ideia de que é a cultura ou outro atributo que delimita as fronteiras deste ou daquele grupo social, semelhante ao que Barth (2011) criticou quando tratou da questão dos grupos étnicos e da etnicidade.

Alguns debates acadêmicos que se utilizam da noção de identidade enveredam por um caminho semelhante ao da imprensa, recaindo no senso comum que envolve estas questões. Ligam identidade a ideia de essência, naturalizando e enrijecendo o seu uso, ou seja, veem a identidade como algo nato e imutável, muitas vezes recorrendo a ancestralidade ou mitos fundadores. É certo que alguns já

---

<sup>1</sup> Entre tantos exemplos, tivemos uma coletânea de matérias jornalísticas que discutia acerca da “identidade sergipana” publicada com o nome de “Caderno da Sergipanidade”. Fonte: Jornal CINFORM, 05 à 11 de julho de 2010.

superaram estas discussões, porém, outros ainda continuam no imbróglio que traz estas visões. Situações como as descritas por Woodward (2008) quando tratou de identidade e diferença descrevendo um exemplo do conflito entre sérvios e croatas na antiga Iugoslávia, ilustram o que estamos querendo dizer. Quando as disputas se acirraram provocando conflitos armados cada um reivindicava um passo medieval para se distinguir dos outros. Além dessa ancestralidade, recursos materiais entravam como elementos diferenciadores de ambos os lados, como os cigarros, ou seja, sérvios e croatas passaram a fumar cigarros diferentes (WOODWARD, 2008).

Neste trabalho, tomamos o caminho que alguns já têm percorrido há algum tempo, aquele que traz a ideia de identidade como um processo dinâmico, relacional e contextual. Assim, a noção de processos identitários enquadram-se como alternativa para um distanciamento do senso comum propagado pela imprensa e também pelos debates essencializadores que ainda estão presentes nos círculos acadêmicos.

Os processos identitários são entendidos aqui como processos que envolvem relações de poder geradoras de localização, classificação e hierarquização social. Eles também são influenciados pelos contextos sociais sob os quais acontecem as interações sociais. Para chegar a este ponto, consultamos alguns autores que em alguma medida tocam no debate aqui proposto, aquele do poder, da diferença, do conflito, dos contextos, da resistência. Autores como Silva (2008), Woodward (2008), Hall (2003), Castells (1999), Laclau (2011), Couche (1997) e outros, em algum momento contribuíram para construir àquilo que chamamos de processos identitários.

O primeiro ponto diz respeito a construção, atributo que nos afasta da essencialização. Castells define identidade como

o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados... por meio de um processo de individuação (CASTELLS, 1999, p. 22).

Ou seja, não se trata de tomar um atributo cultural como fonte provedora da identidade, mas entender que este é um processo de construção que inclui, é claro, exclusões, inclusões e negociações constantes do que faz parte ou não de determinada identidade.

O segundo ponto que destacamos é quanto as relações de poder presentes nos processos identitários. Sobre isto, Laclau destaca que:

[...] Sabemos muito bem que as relações entre grupos são constituídas como relações de poder, isto é, que cada grupo é diferente dos demais e constitui em muitos casos essa diferença com base na exclusão e subordinação dos outros grupos. Ora, se a particularidade se afirmar como mera particularidade, numa relação puramente diferencial com as outras, está sancionado o *status quo* das relações de poder entre os grupos (LACLAU, 2011, p. 55).

Ao discorrer sobre particularismo e universalismo o autor afirmar que a relação entre os grupos sociais são formadas por relações de poder e a diferença pode funcionar como mecanismo de subordinação e exclusão de um grupo pelo outro. Assim, falar em processos identitários está diretamente relacionado à questão das relações de poder contidas na relação entre grupos e estas relações implicam, como já dissemos, em localização, classificação e hierarquização social.

O terceiro ponto aborda os processos de localização, classificação e hierarquização social. A localização implica em nomear o outro e ao nomeá-lo, definimos qual posição nas relações de poder este outro ocupa. A classificação social faz parte, como aponta Silva (2008), da divisão do mundo social entre ‘nós’ e ‘eles’, ou seja, “a identidade está sempre ligada a uma forte separação” entre estes dois elementos (SILVA, 2008, p. 82). Por fim, a hierarquização se constitui a partir dos outros dois

elementos: quem localiza e, principalmente, classifica, tem o poder de definir qual identidade é preferida em detrimento das outras. Em contextos migratórios internacionais, a norma seria a identidade nacional da sociedade receptora em contraponto a identidade étnica ou nacional dos imigrantes.

Por fim, o quarto e último ponto trata dos contextos sociais. Falar dos contextos em que ocorrem os processos identitários nos permite afirmar que estes últimos não são somente relacionais, mas também situacionais. Couche (1997) ao escrever sobre cultura e identidade reforçar o papel que os contextos têm no processo de construção identitária, ou seja, “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam as posições dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas” (COUCHE, 1997, p. 182).

Portando, aquilo que chamamos neste trabalho de processos identitários é fruto de um desdobramento do debate sobre identidade e sua frequente aparição nos meios de comunicação e nos círculos acadêmicos. As noções de que a identidade seria cultura, culinária, folclore e até de que ela se porta como essência, nata e imutável, nos levou a fugir destes modismos e trabalhar com uma noção dinâmica, relacional e processual que resulta em relações de poder, produzindo localização, classificação e hierarquização social. Além destes aspectos, é preciso acrescentar que os processos identitários são situacionais, pois, sofrem interferência dos contextos sociais e das interações entre os grupos e indivíduos.

No próximo ponto discutiremos a questão das migrações internacionais na contemporaneidade e mais especificamente a imigração chinesa para o Brasil.

### **3. As migrações internacionais na contemporaneidade e os chineses do Brasil**

Existem duas correntes que estudam os movimentos migratórios internacionais. A primeira se concentra nos estudos sobre as migrações do passado, como as várias correntes migratórias para o Brasil no século XIX e início do século XX. A segunda corrente procura compreender estes movimentos migratórias na atualidade, representados por diversos grupos imigrantes, tal como os chineses (DEMARTINI, 2005). Começaremos traçando um breve panorama sobre como esta questão se processa no mundo e terminaremos com a questão da imigração chinesa no Brasil.

No mundo, a migração contemporânea não se apresenta mais da mesma forma em que ocorreu no passado. Antes, os fluxos eram mais intensos da Europa para a América, Ásia e Oceania. Atualmente, estão mais diversificados, porém, os Estados Unidos continuam a receber imigrantes, assim como a Europa continua a receber refugiados e ex-colonos. O continente asiático apresenta um enorme movimento intra e intercontinental de pessoas que procuram trabalho e muitas vezes a reunificação familiar. As diversas crises econômicas que atingem alguns países permitem o redirecionamento do fluxo migratório para aqueles que estão mais estáveis economicamente apresentando maiores chances de êxito econômico (CASTLES & MILLER, 2004).

As sucessivas crises econômicas noticiadas com frequências têm atingido países europeus com relativa força, provocando a saída de muitos dos seus cidadãos para lugares mais atrativos economicamente. O caso de Portugal e Espanha é ilustrativo destas reconfigurações das migrações internacionais em tempos de globalização recente. Os desarranjos econômicos que atingiram estes dois países fizeram com que 200 mil portugueses deixassem o país nos últimos dois anos (RIBEIRO, 2013) e 128 mil espanhóis partissem para terras estrangeiras em busca, principalmente, de trabalho (MATTAR, 2012).

Antes de discorrermos sobre os fluxos migratórios contemporâneos, é preciso dizer que o Brasil tem tradição no que concernem a temática. Lembremo-nos das imigrações europeias, japonesas, árabes, etc., no século XIX e primeira metade do século passado. Vários grupos imigrantes se estabeleceram no país nos contextos da formação dos estados nacionais, guerras, perseguições políticas e religiosas, além

das conjunturas econômicas desfavoráveis.

Atualmente, alguns grupos chegam em maior número que outros, mas todos estão chegando com expectativas de ganhar dinheiro e ajudar seus parentes que ficaram no país de origem; os bolivianos e peruanos são mais numerosos que chineses e africanos de diversas nacionalidades, mas fica evidente em algumas pesquisas que as estatísticas oficiais não conseguem captar o montante de imigrantes vivendo indocumentadamente.

Grande parte dos bolivianos chega a São Paulo por meio de agenciadores que anunciam as ofertas de trabalho nas cidades bolivianas que já têm histórico de emigração; os imigrantes bolivianos que chegam também têm conhecidos ou parentes trabalhando nas oficinas têxteis da capital e região metropolitana, o que precisa ser levado em consideração, trata-se de uma rede migratória bastante consolidada (SILVA, 2006; 2008).

Muitos bolivianos donos de fábricas de confecções já estiveram numa posição inferior na cadeia migratória, aquela de submissão e de excessiva jornada diária de trabalho, porém, persistiram na busca do êxito e hoje assalariam seus próprios conterrâneos que, por sua vez, alimentam as esperanças de um dia poder se tornar patrão. Isto aconteceu no passado com os armênios estudados por Grün (1992), onde, a partir das redes de solidariedade, os imigrantes já consolidados no campo econômico empregavam e capitalizavam os que chegavam na esperança de que os mais novos ascendessem socialmente em terras brasileiras.

Ainda pouco estudada, a imigração peruana para o Brasil, em particular para São Paulo, possui características semelhantes à imigração boliviana; eles já ultrapassaram o número de 30 mil pessoas em 2007 e se concentram em sua maioria na capital paulista (FÁVARI, 2011). Uma das semelhanças com a imigração boliviana é a inserção dos peruanos em redes sociais/solidariedade que fazem a ligação entre o lugar de imigração e o de emigração, em um crescente ir e vir. Já o que a difere está relacionado à inserção econômica que se dá no mercado informal e a partir de atividades semelhantes ao que se desenvolvia nas áreas urbanas onde residia a maior parte dos peruanos que emigram, entre elas o comércio de artesanatos e bijuterias (Op. cit., 2011).

Distanciando-se de São Paulo temos uma pequena, mas crescente comunidade árabe (palestinos, sírios, libaneses e jordanianos) em Santa Catarina (mais precisamente em Florianópolis). Muitos destes imigrantes de língua árabe fazem parte do contingente de refugiados que são abrigados pelo estado brasileiro através das convenções internacionais, todavia, já se sabe que uma rede migratória está estabelecida e muitos já estão inseridos no campo econômico de maneira significativa, constituindo uma comunidade imbuída de vários mecanismos de ajuda mútua (CAMPOS, 2011).

Além destes, observamos que há outros grupos aportando no Brasil por questões humanitárias, tais como os haitianos e sírios fugidos da fome e da guerra, respectivamente. O caso dos haitianos é emblemático, pois, eles utilizam as fronteiras terrestres do Peru e da Bolívia para entrar no país, especificamente no estado do Acre e, posteriormente, solicitar refúgio e documentos para que possam trabalhar livremente. Muitos conflitos têm sido observados na cidade acreana de Brasileia por causa da entrada constante de imigrantes haitianos e de outras nacionalidades (PONTES, 2013).

Como os bolivianos, peruano, haitianos, portugueses e espanhóis, os chineses fazem parte desta nova leva de imigrantes que estão desembarcando no Brasil à procura de trabalho, ou seja, mudar sua condição econômica e estabelecer negócios no país. Este movimento acompanha uma série de investimentos que empresas chinesas e até o governo tem feito no país.

Vale lembrar que a imigração chinesa para o Brasil não é uma novidade, mas a sua intensidade e frequência cada vez maior, sim. No início do século XIX, D. João VI trouxe de Macau para o Rio de Janeiro algumas dezenas de chineses para que pudessem implantar a cultura de chá por aqui (CHANG-SHENG, 2009; SILVA, 2008). Porém, alguns debates sobre imigração chinesa nos círculos políticos da época deram origem a proibições e semelhantes ao que ocorreu nos Estados Unidos. Conforme Lesser:

À medida que outros impérios cresciam à custa de mão-de-obra “coolie”, surgiu uma discussão sobre trabalho/cultura, tratando da possibilidade de os trabalhadores chineses virem a enriquecer economicamente o Brasil ou se, ao contrário, eles prejudicariam sua cultura, transformando-a de “européia” em “asiática”. A entrada dos chineses nunca pôde ser desvinculada das ideias sobre o futuro do Brasil (LESSER, 2001, p. 38)

Passado esse tempo de proibições, ou seja, atualmente, tem entrado no país através de redes familiares ou conhecidos, que dão suporte à viagem, ao estabelecimento e ao sucesso econômico. O estado de São Paulo, o maior receptor de imigrantes, ainda é o preferido por parte dos chineses na atualidade, embora outros estados e cidades brasileiras têm surgido como opções num mundo cada vez mais globalizado. A capital paulista concentra 90% de toda a população chinesa do país estimada em 200 mil pessoas. O alto número de indocumentados e a adoção de outras nacionalidades no processo migratório são fatores que dificultam uma estimativa mais precisa (VÉRAS, 2008, p. 129).

Há também um grande número de chineses no Rio de Janeiro que se reúnem em torno de duas associações, uma ligada ao governo de Pequim (Associação Chinesa do Rio de Janeiro) e a outra ao governo de Taiwan (Centro Social Chinês do Rio de Janeiro), apesar da rivalidade entre os governos as divergências são diminuídas pelo sentimento de solidariedade e ajuda mútua que povoa os grupos chineses fora da China (CHANG-SHENG, 2009, p. 08).

O nordeste brasileiro é uma das regiões que tem acolhido um número crescente de imigrantes chineses, mas carece de estudos que aprofundem a dimensão deste fenômeno. Anteriormente, os fluxos migratórios se concentraram nas regiões sul e sudeste e o nordeste teve experiências pontuais de fluxos migratórios internacionais. Cabe dizer que o crescimento econômico da região e a saturação dos mercados das antigas regiões receptoras levam cada vez mais chineses a imigrarem ou reimmigrarem para a região.

#### **4. Chineses em Aracaju: negócios, processos identitários e produção de uma presença**

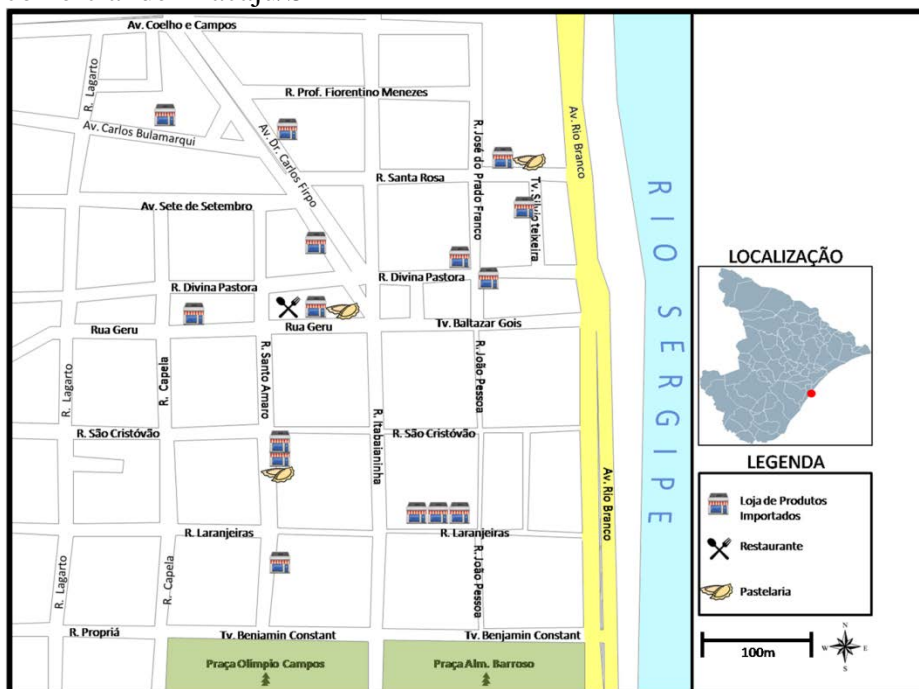
A presença física de imigrantes chineses em Aracaju tem aumentado nos últimos tempos. Como apontou esta pesquisa, não é uma tendência somente da capital sergipana, mas de outras capitais e cidades nordestinas, caso de Salvador, Teresina, Recife e Caruru. Os dados obtidos a partir do trabalho de campo apontaram que havia 63 chineses registrados vivendo em Aracaju<sup>2</sup>. Segundo relataram os agentes da Polícia Federal responsáveis pelo registro de estrangeiros, é “quase impossível viver ilegalmente em Aracaju”, pois, vivemos numa capital muito pequena “onde todo mundo se conhece”. A realidade empírica mostra que os dados oficiais não contemplam todos os imigrantes que vivem na cidade. É importante colocar que o registro é feito voluntariamente pelo imigrante e quando ele muda de cidade nem sempre avisa ao órgão competente, neste caso a Delegacia de Imigração. Desta forma, dimensionar o número real de chineses na cidade é uma tarefa muito difícil.

Sobre a presença e negócios de chineses na cidade, é necessário colocar que eles se concentram no que chamamos de comércio popular, principalmente na região central, embora haja outros chineses instalados em outros bairros da cidade. Seus negócios são constituídos a partir da inserção e crescimento da China na circulação de mercadorias e bens culturais, como é o caso da culinária. Assim, temos como principais atividades as lojas de mercadorias importadas que comercializam produtos como bolsas, sapatos, artigos para festa e de bazar em geral e, as pastelarias e restaurantes (FIGURA 01).

---

<sup>2</sup> Dados obtidos em uma de nossas visitas à Delegacia de Imigração da Polícia Federal de Aracaju (DELEMIG/PF).

**FIGURA 01** – Estabelecimentos comerciais de chineses no centro comercial de Aracaju/SE



Fonte: Google Maps

Elaboração: SANTOS, Jadson: 2013.

A figura anterior mostra a disposição dos estabelecimentos chineses no centro da cidade e sua concentração nesta área indica que os chineses a tem preferido porque é onde se encontra o público de consumidores para o seus produtos. Às margens do Rio Sergipe, desponta uma quantidade significativa de lojas e restaurantes chineses mês a mês. No caso dos restaurantes, eles não servem somente para os brasileiros, mas também, aos chineses que trabalham e residem no centro comercial. O cardápio destes restaurantes é composto de pratos brasileiros e chineses, funcionando como ponto de encontro e conversas de alguns deles. Observamos várias vezes que a hora do almoço era a hora de conversar, paquerar, reunir-se com os conhecidos e familiares.

Os que chegam para estabelecer um negócio ou mesmo para trabalhar recebem ajuda de um parente ou amigo, assim, quase sempre é utilizada a mão de obra familiar ou de um amigo. Alguns chineses entrevistados, como é o caso de Sara, dona de uma pastelaria, disseram que chegaram até Aracaju a partir das informações de um chinês mais antigo da cidade. As informações giravam em torno de em que lugar se instalar, como fazê-lo e os custos para fazê-lo. Assim, as redes migratórias constituídas, pouco exploradas devido ao tempo de pesquisa escasso, apresentam-se como peças importantes nos percursos migratórios que, no caso de Aracaju, foram tratados a partir de duas perspectivas: a imigração, quando acontece a vida do chinês diretamente da China até a cidade e a reemigração, quando o chinês vem de outro país ou estado brasileiro.

Observamos que os estabelecimentos quase sempre obedecem ao mesmo padrão de organização, bem como a manifestação do contexto migratórios nos letreiros das lojas, pastelarias e restaurantes a partir da utilização de nomes e caracteres de origem chinesa. Assim, é preciso dizer que a presença

física dos imigrantes chineses é percebida e sentida pelos brasileiros, porém, o que está em questão é uma presença produzida a partir das relações sociais.

O caminho que tomamos para compreender a produção de uma presença chinesa foi o dos discursos dos chineses e brasileiros a partir das entrevistas, das conversas informais, desabafos, etc. Embora sejam coisas diferentes, processos identitários e produção da presença chinesa são complementares.

Nos percursos do trabalho empírico, ouvimos algumas nomeações sobre quem seriam estas pessoas que estão chegando à cidade com uma frequência maior do que no passado. Entre as principais, estavam as nomeações de “coreanos” e “japoneses”, dispensada pelos brasileiros. Há dois elementos que podem ser extraídos destas nomeações. O primeiro seria o traço físico que para os brasileiros não há distinção entre os povos orientais (chineses, japoneses e coreanos), assim, todos aparentemente são iguais. O segundo elemento nos apresenta uma opacidade ante a presença do outro, ou seja, uma dificuldade de reconhecimento de quem seria esse outro (ENNES, 2001).

No sentido contrário, aqueles chineses ouvidos, apontaram para as diferenças entre eles e os japoneses, por exemplo, e entre os próprios chineses. Em uma das situações de entrevista, Sara travou um diálogo com um cliente de sua pastelaria, deixando claro que ela era chinesa e mostrando as diferenças entre eles. As duas situações descritas é o que Couche (1997) chama de heteronomeação e autonomeação, um jogo onde os grupos se nomeiam e também são nomeados.

É também nos discursos que se encontram os vários sentidos de ser chinês. Ser chinês pode ser visto como trapaceiro, subornador, invasor, mas, também como moderno e trabalhador. São sentidos atribuídos a partir da posição que o brasileiro entrevistado ocupa e qual a relação que ele mantém com os imigrantes. Se ele foi afetado pela “concorrência desleal” ou pela “invasão chinesa”, falas ouvidas durante a coleta de dados, o sentido de ser chinês assumiu uma negatividade. Aqueles que não tinham “nenhum problema” atribuíam um sentido de ser chinês positivo. Desta maneira, os discursos coletados estavam montados a partir dos polos negativos e positivos de uma presença chinesa.

Sob a ótica dos processos identitários, ser chinês é uma construção e, além de ouvir os brasileiros foi preciso ouvir os próprios imigrantes e compreender a partir dos discursos o que seria ser chinês. Para alguns, eles são chineses à medida que se encontram e conversam em mandarim, embora, sejam de regiões distintas como Cantão, Xangai e Pequim. O tempo de imigração foi um fator importante colocado para compreensão dos vários sentidos de ser chinês, pois, aqueles que possuíam mais tempo de imigração afirmavam que já se sentiam “um pouco brasileiros”. O caso do senhor Chao, dono de um restaurante oriental há 26 anos, mostra como o tempo influencia neste processo: “Se to no Brasil sou brasileiro e se to na China sou chinês, sou do lado que for. Eu vivo os dois por que a origem a gente nunca esquece”. Chao continua dizendo que todas as vezes que vai à China não se sente “considerado” como chinês e sente falta do Brasil, e quando está no Brasil sempre se lembra das suas origens. Ora, o que Chao sente é um deslocamento identitário, tal como Hall (2003) descreveu quando.

As disputas por recursos materiais e simbólicos, constituidores do campo econômico investigado, são elementos que reforçam a emergência identitária e o aparecimento das diferenças. Estas disputas também dão origem às tensões que foram encontradas nas relações entre chineses e brasileiros por meio dos discursos e observações. Como afirma Bauman (2009): “[...] Por inúmeros motivos, os imigrantes tornaram-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteiras”, um desses motivos são estas disputas que em Aracaju permeiam o campo econômico (Op. cit., p. 80).

Um exemplo da presença destas tensões é a entrevista feita com Joana, proprietária de um restaurante. O estabelecimento dela é vizinho a outro restaurante e pastelaria de origem chinesa que é comandado por um casal de chineses. Joana me falou sobre eles com uma expressão de raiva e de rejeição e relatou sobre um dos momentos onde ela mais se sente incomodada: “Quando não é ele, é a mulher que senta naquele banco ali toda tarde. Fica observando o movimento, pra vê se tem cliente,



quantas pessoas tem. Quando eles não tão sentados ficam passando pela porta muitas vezes. Se você entrar aqui e eles puderem arrastar você, eles levam você pra lá”. Neste momento, o “outro” e as diferenças entre os comerciantes e brasileiros se mostram. A “inveja” e o “olho que cresce” são expressões que ativam e acentua a emergência identitária.

Para concluir este tópico dizemos que a presença chinesa vai sendo produzido nas oposições (negativo-positivo) fruto das perturbações que a uma presença estrangeira causa. O medo da “dominação” chinesa e o sentimento da perda de espaço no campo costumam uma presença polarizada na oposição positivo-negativo entre os entrevistados. Se, de um lado temos a identificação da presença chinesa com base na negatividade, por outro se observou que a presença chinesa também está assentada na ideia de modernização e novidade, sob a qual repousa a disposição à abertura a outros grupos imigrantes.

## 5. Considerações finais

A questão da identidade tem sido debatida com certos modismos e senso comum por parte da mídia que comumente define identidade como cultura. Por outro lado, alguns debates acadêmicos não se desligaram das noções essencializadoras e, por hora reafirmam a identidade como algo nato e imutável. Para fugir destes modismo trabalhados nesta pesquisa com a ideia de processos identitários como sendo relações de poder que implicam em localização, classificação e hierarquização social.

O fenômeno da migração chinesa é global e tem se refletido em muitos países como Estados Unidos, Portugal, Espanha e na América Latina como um todo. Os chineses também integram o cenário brasileiro e, muito frequentemente as estatísticas oficiais mostram um acréscimo significativo de imigrantes dessa nacionalidade. A diferença entre as migrações passadas é que este grupo tem procurado lugares não tradicionais para se estabelecer, como é o caso das capitais nordestinas.

A produção identitária chinesa em Aracaju pode ser entendida a partir dos discursos dos chineses e brasileiros. As relações dialógicas presentes nos processos identitários permitem considerar que não há somente um sentido de ser chinês, mas vários sentidos. Ser chinês é construído por meio das heteronomeações e das automeações, um jogo no qual os chineses são nomeados e também se nomeiam. Os brasileiros dizem o que eles são e eles num movimento de contra nomeação resistem às nomeações presentes como quase um “consenso” no campo econômico.

## 6. Referências

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

CAMPOS, E. C. Estrangeiros num Ilha: Comunidade Árabe Islâmica em Florianópolis. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 2011, Anais... Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661060\\_ARQUIVO\\_anpuh2011textofinale\\_mersoncampos.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661060_ARQUIVO_anpuh2011textofinale_mersoncampos.pdf)> Acesso em: 04.05.2012

CASTELLS, M. O poder da identidade. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. La era de la migración Movimientos internacionales de población en el mundo moderno. Colección América Latina y el Nuevo Orden Mundial. México: Miguel Ángel Porrúa, UAZ, Cámara de Diputados LIX Legislatura, Fundación Colosio, Secretaría de Gobernación, Instituto Nacional de Migración, 2004.

CHANG-SHENG, S. Imigrantes e Imigração Chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990). Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Rio de Janeiro, n. 07, 2009. Disponível em: <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4679:imigrantes-e-imigracao-chinesa-no-rio-de-janeiro-1910-1990&catid=42&Itemid=127](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4679:imigrantes-e-imigracao-chinesa-no-rio-de-janeiro-1910-1990&catid=42&Itemid=127)>. Acesso em: 03.04.2012

COUCHE, D. A noção de cultura nas Ciências Sociais. Bauru: Ed. EDUSC, 1997.

DEMARTINI, Z. B. F. Pesquisa histórico-sociológica, relatos orais e imigração. Editora Edusp. São Paulo, 2005. In: TRUZZI, O. S. & DEMARTINI, Z. B. F. (orgs.). Estudos migratórios: perspectivas metodológicas. São Carlos: Edufscar, 2005.

ENNES, M. A. A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FÁVARI, F. Migração Peruana em São Paulo: elementos comparativos com a imigração boliviana. In: XIX CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2011. Campinas. Resumos... Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xixcongresso/paineis/081415.pdf>> Acesso em: 17.10.2012.

GRÜN, R. Negócios & famílias: armênios em São Paulo. São Paulo: Ed. Sumaré, 1992.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.  
LACLAU, E. Emancipação e diferença. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

LESSER, J. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias, e luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MATTAR, M. Número de espanhóis saindo do país atinge recorde, diz pesquisa. <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/23072/numero+de+espanhois+saindo+do+pais+atinge+recorde+diz+pesquisa.shtml>> Acesso em: 12.07.2013.

PONTES, F. Acre decreta estado de emergência por descontrole de imigrantes haitianos. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/acre-decreta-estado-de-emergencia-por-descontrole-de-imigrantes-haitianos,4c3292a0f61fd310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 12.07.2013

RIBEIRO, G. B. Duzentos mil portugueses saíram do país nos dois últimos anos 2013. Disponível em: <<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/200-mil-portugueses-sairam-do-pais-nos-dois-ultimos-anos-1582063>> Acesso em: 12.07.2013.

SILVA, M. A. Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco. 2008. 189f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. Revista Estudos Avançados, São Paulo, n. 57, p. 157-170, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0103-401420060002&script=sci\\_issuetoc](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0103-401420060002&script=sci_issuetoc). Acesso em: 23.02.2012

SILVA, S. A. Faces da Latinidade Hispano-Americano em São Paulo. Textos NEPO, Campinas, n. 55, p. 09-61, 2008.

SILVA, T. T. (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes: 2008.

VÉRAS, D. B. As diásporas chinesas e o Brasil: a comunidade sino-brasileira em São Paulo. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Vozes: 2008.